

# CAMINHO



VERSOS de  
MARIO DIONISIO  
GRAV. de AZEVEDO

Depois que os levaram,  
as casas ficaram sem ninguém,  
e o barulho das portas batendo nós umbrais  
e o escaqueirar dos vidros das janelas completamente abertas  
confundiram-se com o sinistro uivar do vento  
e o chôro convulsivo das crianças sôzinhas.  
Depois que os levaram,  
os olhos saltaram das órbitas cansados de chorar,  
as searas morreram queimadas porque ninguém as ceifou,  
as máquinas pararam,  
e o ferro das charruas cobriu-se de ferrugem.  
As cidades ficaram desertas.  
Depois que os levaram,  
a miséria passou em tôdas as almas  
e vincou nos rostos uma profunda ruga de tristeza.  
As mulheres prostituíram-se  
porque êles vieram e não tiveram quem os impedisse  
de mudar as oficinas em casas de deboche.  
Depois que os levaram,  
tudo mudou.  
Sem luz, pendemo-nos no meio do deserto.  
Estendemos os braços magros e não achámos nada.  
Olhámos e não vimos.  
Gritámos e nem ouvimos sequer o nosso éco.  
Depois que os levaram, tudo estava perdido.

Mas uma estrêla brilhou no insondável da noite.  
Um grito sublime chicoteou o silêncio.  
Um sopro de esperança cimentou o solo.  
Um elo indestrutível juntou as nossas dôres.  
E o grito fez-nos estremecer até à medula dos ossos  
e a estrêla encharcou de claridade um novíssimo caminho.  
Os olhos voltaram às órbitas,  
as searas renasceram,  
as máquinas tornaram a girar,  
e o ferro das charruas sacudiu a ferrugem.

Agora já não andamos como doídos a gritar no meio das trevas,  
e as nossas botas não ficam enterradas na areia do deserto.  
Agora temos um caminho.

Êste não tem nada de igual aos que nos tinham mostrado.  
Este é o nosso, o novo,  
o único caminho por onde poderemos avançar,  
o único  
por onde voltarão aquêles que nos levaram.

## MODERNA

vêm a sua iniciativa entrar no campo das realidades.

Muitos jóvens artistas serão, agora, apresentados ao público; é de quarenta o número dos que aí exhibirão seus trabalhos de artes plásticas. O conjunto dos exibidores, animado, por certo, dum desejo legítimo de triunfo artístico não deixará de mostrar ao público o melhor das suas obras, para que na geração que ali vão representar—Geração de 1930—se aviste um sentido de beleza e vibração criadora. Este é o nosso desejo—que gostaríamos fôsse seu incentivo.

## Cartas dum imaginário camponês a um senhor verdadeiro da cidade

(Continuação)

Ah!, meu super-civilizado irmão, que ventura imensa cair neste mundo sobre um colchão de penas! Que ventura!

Ouve: aqui na terra, lá em baixo no vale, em todos os lugarejos aonde um ser molreja, a existência toma aspectos tão violentos que comfrange.

Imaginas acaso o que será uma vida inteira a revolver terra, hoje, amanhã, sempre, sempre, de sol a sol? Suporás tão pouco o rio enorme que formaria o suor de cem gerações de homens aí vertido? Que obscura, espantosa epopéia a dos nossos irmãos, meu irmão ditoso! E tu desconhece-la! Deixa-me contar-te, dizer-te um pouco, só um nada, dela.

Não me digas que em agosto vens ao campo. Vens, tens vindo. Mas não tens visto nada. Metes-te na quinta fresca de sombras e sussurrante de águas; pelo dia fóra bocejias, dormes a tua sesta; à boquinha da noite, sob as altas tiliás, dás o teu giro a passos miudinhos—e depois, quando o sol começa a não ser mais ferro em brasa a queimar as carnes, largas numa pressa tontia, quasi foges. Não, tu não conheces isto, não conheces... Verás como é bem diferente do que julgas. Verás...

Olha, o dia morre lentamente num grande deslumbramento de ouro. Casais e montes parecem estar em festa. E como as árvores renascem—eram tão tristes na sua nudez silenciosa! Se visses!—dir-se-ia que a Natureza inteira vibra, que toda ela freme dum gôzo inebriado e longo.

O dia morre... Mas, sabes?, por várzeas e encostas os nossos pobres irmãos cavadores continuam na sua faina de martírio, mais humildes e apagados que sombras.